

O medo da voz contra

A senadora Heloísa Helena votou contra a reforma da Previdência, o governo ganhou por um placar de 55 a 25 votos e o PT continua firme e forte como nunca. Inabalável a ponto de o presidente já falar em permanência no poder "até quando puder".

Pois diante de cenário tão singelo e cristalino, cabe a dúvida: por que as cúpulas do PT e do governo têm tanto medo de Heloísa Helena, qual o risco objetivo que ela representa ao partido ou ao Planalto?

O único possível de vislumbrar no momento é o de a senadora representar o grito intermitente da autocrítica e, junto ao eleitorado, terminar fazendo mais sucesso do que o sisudo e autoritário PT que pretende expulsá-la por crime de lesa-obediência.

Se for isso, os algozes apresentam-se mesquinhos, pois, na realidade, apenas não se conformam com a liberdade de Heloísa Helena para pensar como quiser e defender as idéias há muito de todos conhecidas.

A cada dia perde mais sentido a expulsão da senadora, pela semelhança da história a uma mera demonstração de sovinice política. Trata-se de vingança – e não há outra explicação possível – contra quem ousa divergir completa e atrevidamente.

É disso que se trata e não de disciplina partidária, como disse anteontem o presidente da República, ao mostrar-se contrário à concessão de indulto (note-se a conotação criminosa do termo utilizado) à rebelde.

Nas relações do governo com o Congresso não é possível identificar apreço por regras institucionais ou partidárias. A maioria forma-se a poder de cooptação fisiológica sem o menor pudor no que tange ao respeito à organicidade dos partidos.

Nesse quadro, como expulsar do partido alguém cujo crime é alegação de fidelidade à própria consciência? Não há sustentação moral nos argumentos da expulsão.

Quando o momento da decisão chegar, agora em dezembro, se não houver mais outro adiamento, o partido precisará estar bem preparado para enfrentar o debate sobre o desconforto causado pela presença de Heloísa Helena e o conforto da convivência harmoniosa com métodos e forças do atraso.

É aceitável a argumentação dos governistas, segundo a qual o poder muda prioridades e pontos de vista. Bem como sabe-se o quanto é sempre necessária alguma concessão ao retrocesso, a fim de assegurar o avanço. Isso é doutrina consagrada.

Inaceitável, porém, é a aplicação, nesta altura da história universal, de processos autoritários mais condizentes com as senzalas, para usar imagem nacional.

Desde o início das divergências – quando, na eleição, a senadora recusou-se a fazer aliança com o PL alagoano, submetido a Fernando Collor –, a direção do partido manifesta predileção pela metodologia da chibata.

Tanto que o processo se instaurou na comissão de ética do PT antes mesmo de Heloísa Helena concretizar a indisciplina no voto contra. É uma queda-de-braço.

Desnecessária, pois o PT tem tudo: o poder, os partidos, a opinião pública, a reverência de quase todos nas emissoras de televisão, o Congresso, a Igreja, a Universidade, o Estado e a sociedade. Já tem o suficiente. Não precisa também se apropriar da consciência de uma mulher.

Se não fosse tanta a dificuldade em conviver com a divergência no poder; não fosse a impossibilidade de rechazar verdades incontestáveis; não fosse a incapacidade de ouvir o que não quer; não fosse o descontrole da prepotência que só se sacia ante a total subserviência; não fosse tudo isso, Heloísa Helena poderia ficar exatamente onde está.

Não é nela que reside o risco.

QUE RISCO
PODERIA
REPRESENTAR
A SENADORA
REBELDE AO
PODER DO
PLANALTO?